

A FRONTEIRA E AS LÍNGUAS EM CONTATO: UMA PERSPECTIVA DE ABORDAGEM

Eliana Rosa Sturza

Juliane Tatsch

RESUMO

Este artigo tem por objetivo propor uma perspectiva de abordagem sobre línguas em contato. Para apresentar tal perspectiva consideramos tratar a questão do contato linguístico não como resultado de um efeito externo das línguas sobre os falantes, e sim que os sujeitos falantes estão expostos às línguas e que, na fronteira, as usam também para marcar uma identidade fronteiriça. Neste sentido, fazem também uma escolha política.

PALAVRAS-CHAVE: fronteira; línguas em contato; línguas de fronteira.

*“Todos nos semo da frontera
Como eses pávaro avuando de la pra qui
Cantando um idioma que todos intende”.*

Fábian Severo¹.

Introdução

No Século XVIII Auguste de Saint-Hilaire em sua obra *Viagem ao Rio Grande Sul*, na passagem pelas terras mais ao sul ao que hoje corresponde ao território uruguaio, registra nas suas anotações, permeadas por seu olhar europeu, impressões sobre a paisagem dessa região. Como botânico

¹ Na obra *Noite no Norte – poemas em Português*. Fábian Severo é um poeta fronteiriço, nascido na Fronteira Quaraí (BR) – Artigas (UR) que escreve, segundo ele, em Português.

que era, destaca nos seus relatos a relação dos homens que viviam nestas paragens com o espaço, com o clima, com a rudeza da vida campesina. Descreve, em certo trecho que “este lugar oferece a mais linda paisagem que tenho visto desde o Rio Grande. Até agora atravessamos planícies sempre uniformes, sem a mais leve ondulação do terreno, e unicamente animadas pela presença do gado que nela pasta.” (SAINT-HILAIRE, 2002, p.112).

Este lugar descrito por Saint-Hilaire refere-se ao relevo de um território transfronteiriço denominado de Pampa. Um lugar caracterizado por identificações inscritas na paisagem, pelo tipo de clima, pela atividade econômica predominantemente agropastoril e, por consequência, por modos de vida forjados pelo rigor do tempo e do trabalho campesino. Esse território, desenhado por um bioma variado, que se estende além das fronteiras geopolíticas entre Brasil, Argentina e Uruguai tem mais características comuns das que se costumam mencionar. Esse é um lugar com simbolismos construídos a partir dos contatos entre os sujeitos, as línguas e as culturas.

Longo e secular período depois de Saint-Hilaire, o escritor e músico Vítor Ramil, distanciado do Sul, seu lugar de pertença, vivendo no Rio de Janeiro, é tomado pela ausência desta paisagem e tudo que ela contém como seu lugar de identificação. Nesse distanciamento e na introspecção que a ausência desta paisagem lhe impõe, ele escreve *A Estética do Frio*.

Vítor Ramil comenta, então, sobre este lugar da fronteira e de como os sul-rio-grandenses se identificam com uma cultura platina, como se sentem parte deste novo centro de referência cultural.

As fronteiras, tão móveis em nossa origem, pareciam ter mesmo grande importância nessa questão. Muitos de nós, rio-grandenses consideravam-se mais uruguaios que brasileiros; outros tinham em Buenos Aires, Argentina, um referencial de grande polo irradiador de informação e cultura mais presente que São Paulo ou Rio de Janeiro. A produção cultural desses países nos chegava em abundância, o espanhol era quase uma segunda língua. Muitas palavras, assim como muitos costumes, eram iguais. Nossos campos, nossos interiores, que haviam sido um só no passado, continuavam a se encontrar. (RAMIL, 2004, p. 14-15).

A nossa proposta de discussão, neste artigo, toma como ponto de partida as peculiaridades que constituem as línguas e os sujeitos bem como esta relação entre sujeitos e línguas diferentes são da ordem do político. Ou seja, sujeitos escolhem as línguas nas quais querem se significar, portanto significar o mundo, neste sentido, significar-se também como sujeitos fronteiriços. A fronteira é um lugar com divisões geopolíticas que não só configuram um espaço social e político particular, no qual a natureza dos contatos que nela se produzem se materializa nas práticas linguísticas dos falantes como também é este lugar particularizado. Uma fronteira geopolítica, social e cultural que afeta o modo como os sujeitos se relacionam com as línguas às quais estão expostos. Portanto, os sujeitos que estão inseridos nestas comunidades fronteiriças se significam pelas línguas que escolhem enunciar. E esta escolha é política. Ela considera os interlocutores, os espaços de enunciação, as cenas onde uma ou outra língua produz maior ou menor efeito de sentido.

Para problematizar a situação das línguas na fronteira, delimitamos nossa questão das línguas em contato apresentando o que entendemos por língua de fronteira. Sendo assim, trouxemos as fronteiras dentro do recorte geográfico do Pampa como nosso contexto, e o *Portunhol* como a língua de fronteira que nos exemplifica as relações entre Português e Espanhol. Destacamos que falar um *Portunhol* tem sentidos muito específicos para a cultura da fronteira. Ele funciona para marcar politicamente como estes sujeitos querem se significar no mundo.

Um segundo aspecto da reflexão que estamos propondo, se refere ao colocar em outra perspectiva, o que se entende por línguas em contato. Nesse sentido, faremos uma retomada sobre o tema línguas em contato para apresentar, na sequência, uma abordagem teórica que coloque o contato linguístico como constitutivo das práticas linguísticas, neste caso, daquelas resultantes do contato entre o português e o espanhol nas fronteiras inseridas no recorte geográfico do Pampa. As línguas em contato que abordamos aqui não se separam das culturas em contato e interessa-nos os sentidos que as línguas e as culturas apresentam para quem habita comunidades fronteiriças onde se vive em um constante estar “entre línguas”.

Desse modo, este espaço real produz um espaço simbólico em que culturas se tocam, línguas e sujeitos se encontram. Para a compreensão desse contexto cultural do Rio Grande do Sul, na rica e complexa zona fronteiriça,

apresentamos um breve histórico que mostra como o “contato” é constitutivo da cultura fronteiriça e como esse está relacionado com a própria história da formação do estado do Rio Grande do Sul.

A fronteira como espaço de contato de línguas

O Rio Grande do Sul é um território com fronteiras internacionais do ponto de vista geopolítico. Por outro lado, se caracteriza por estar circunscrito em um relevo que se alonga em direção ao território argentino e uruguaio, delimitado e definido por condições ambientais e, especialmente, por ser reconhecido como lugar originário de um tipo social como o gaúcho. Também é um espaço que se define por uma cultura híbrida produzida desde seu processo de ocupação e povoamento, remontando ao período dos conflitos que marcaram a delimitação dos territórios na região do rio da Prata.

O processo de formação do Estado do Rio Grande do Sul se caracteriza, tal como descrevem os historiadores, pela presença de etnias e culturas variadas. No caso das fronteiras é predominante a presença das culturas portuguesa e castelhana/platina. E, por esta razão, clima, relevo, vestimentas, atividades da vida campeira, hábitos e costumes similares com os dos *gauchos* uruguaios e argentinos, produziram uma identificação da sociedade e da cultura gaúcha sul-rio-grandense com a cultura argentina e uruguaia. Contribuiu, em grande parte, para o desenvolvimento da linguagem utilizada pelo homem gaúcho, principalmente em áreas de região fronteiriça, onde o contato entre a língua portuguesa e a espanhola se dinamiza pela existência de comunidades que são chamadas de gêmeas, ou seja, cidades que estão frente a frente, em ambos os lados da fronteira, formando inclusive como no caso de Santana do Livramento e Rivera² uma courbanação, pois o que as separa é uma linha imaginária.

O contato, de natureza social, cultural ou linguística, é mencionado nos discursos historiográficos sempre que esses descrevem a formação étnica e social do Rio Grande do Sul, sobretudo ao tratarem do período de ocupação e colonização, quando os conflitos decorrentes das disputas pelas demarcações das fronteiras, levavam portugueses e espanhóis a se moverem constante-

² Fronteira Brasil – Uruguai.

mente nestas zonas limítrofes, o que mostra que as linhas divisórias, embora simbolizadas por meio de marcos, não delimitavam o movimento de pessoas nesta região, seus encontros, seus contatos. Conforme Sturza (2007, p. 02), “o contato que se estabeleceu entre eles constitui no imaginário do gaúcho, desde então, um lugar nem lá, nem cá, dando-lhes esta indefinição identitária, instituindo, muitas vezes, um lugar do dizer com um lugar de defesa de posições ideológicas”. A autora destaca ainda como a historiografia sul rio-grandense se coloca no debate sobre as matrizes culturais, dividindo-se entre a chamada matriz lusa (influência portuguesa) e a matriz platina (influência castelhana).

Desse modo, a história da ocupação e do povoamento do Rio Grande do Sul está marcada pela questão fronteiriça. Por muito tempo o Rio Grande do Sul era o que podemos chamar de um imenso deserto, sendo ocupado somente pela população indígena de vida nômade ou semissedentária que ali habitava³. Nesta época, o espaço de circulação de pessoas, que ocupavam o território mais próximo das fronteiras, era totalmente livre, não existia controle fiscal ou militar organizado, tampouco empecilhos para o vaivém de pessoas e mercadorias. Este fluxo desde então determina a vida fronteiriça de tal modo que usar uma língua *mezclada* ou tomar de empréstimo palavras e expressões é parte de ser fronteiriço. Este conjunto de palavras e expressões compõe o que identificamos como a variedade do Português Gaúcho, evidentemente sendo mais notada e presente no Português Gaúcho da Fronteira (TRINDADE, BEHARES e FONSECA, 1995).

A fronteira é este lugar particular; lugar de passagem.

[...] a Fronteira não significa apenas pela sua relação espacial, como o lugar que marca o limite entre territórios. Os limites cartográficos são referências simbólicas que significam a fronteira através de um marco físico, embora a vida da fronteira, o habitar a fronteira signifique, para quem nela vive muito mais, porque ela já se define em si mesma como um espaço de contato, um espaço em que se tocam culturas, etnias, línguas, nações (STURZA, 2006, p. 26).

³ O Rio Grande do Sul só inicia sua ocupação e povoamento por volta de 1777.

A fronteira, foi assim, incorporando significações ao que ela remete hoje à medida que se definiu como um espaço particular a ser estudado. Ela é resultado do processo de ocupação e povoamento, das já citadas disputas sobre os domínios territoriais entre Espanha e Portugal na América, da definição dos limites geopolíticos e, posteriormente, da formação dos estados nacionais. Mas foram esses processos que contribuíram para o desenvolvimento de cidades na fronteira.

Desse modo, a perspectiva de olhar a fronteira através das línguas permite-nos compreender a história. A fronteira, portanto, é onde línguas diferentes se relacionam, misturam-se. A linha imaginária se move entre os territórios a partir da dinâmica que as pessoas dão à vida na fronteira; o contato entre as pessoas se intensifica, colocando-as num constante “entre línguas”. A fronteira afirma-se assim como lugar de construção identitária, relacionada às características sociais decorrentes de um modo de habitar a fronteira. Logo, o Pampa se constitui em um lugar de encontro de línguas, costumes, tradições e paisagens.

E o que viria a ser “fronteira”, nesse viés em que uma linha imaginária transpassa três países, duas línguas e uma só tradição cultural? A vida na fronteira está muito associada à constituição do perfil identitário do gaúcho, devido às grandes fazendas, a atividade rural relacionada às lidas campeiras, o estilo de vida que se relaciona à identidade do gaúcho, forjada a partir da necessidade de afirmação dos sul-rio-grandenses em face ao poder central. Por outro lado, e ao mesmo tempo, diferenciada por esta proximidade com o Outro, ora ameaçadora ora atraente, tendo-os como referente cultural, conforme menciona Vítor Ramil.

A fronteira configura-se como um espaço social; um espaço real, e também um espaço que se significa simbolicamente. Logo, a necessidade de pensarmos a fronteira não apenas como um espaço geográfico configurado pelo contato, permeabilidade, troca, mistura, hibridismo, mestiçagem cultural e étnica que se estabelecem nessa zona. Mas como uma rica e completa soma dos mais diversos fatores, dentre eles o linguístico.

Fronteira móvel, limites disputados com ferro. Guerras e contendas. Mas também o trânsito de gentes, de mercadorias, diálogo entre culturas. Choque e permeabilidade, sobrepondo-

se, intercalando-se, entrelaçando-se. A ponto de produzir uma cultura singular, um modo de vida, com seus sabores, costumes e dizeres. O gaúcho nasceu na fronteira. E é a fronteira que ele carrega dentro de si. Para onde quer que vá, é o espírito da fronteira que o anima (GARCIA, 2010, p. 15).

O pampa é diluidor de fronteiras, território da liberdade, lugar de encontros às vezes amistosos outras vezes bélicos. É a terra dos gaúchos, inexoravelmente sem limites, sem fronteiras. A figura do gaúcho está ligada a esse ilimitado, a esse além-fronteira. “O território, e mais profundamente ainda, a alma do “gaúcho” é uma paisagem, na qual só a silhueta do homem a cavalo estabelece um ponto assinalado na imensidão” (LEENHARDT, 2002, p. 30).

Nesse processo de construção e legitimação de uma figura emblemática retornou-se ao passado e ao universo rural da campanha, a região das estâncias, onde o gaúcho histórico surgiu e adquiriu significado. Ancorada, pois, no mundo pastoril-pampeano, os traços que forjam e alimentam a figura (por exemplo, o uso do cavalo, a vestimenta – a bombacha, e os hábitos – chimarrão, etc.) correspondem, historicamente, a essa região específica. [...] Cria-se, assim, um “pampa simbólico” que, com o tempo vai extrapolar tanto os limites da campanha e do meio rural quanto os limites regionais [...] (MACIEL, 2000, p. 82).

A construção de uma identidade gauchesca está associada ao sujeito social que tem relação com o rural, com o Pampa e com modo de falar específico. O gaúcho constitui-se na e pela história, de modo que passa a caracterizar-se por suas atividades, seu modo de viver, pelos usos, costumes, crenças, valores, sua cultura, enfim.

Há um espaço que predominantemente é o Pampa e encima deste espaço comum, uma cultura comum, que é a cultura gaúcha. O Pampa é a paisagem comum e esse espaço físico é um espaço de identificação do gaúcho pelo predomínio de uma cultura que foi desenvolvida a partir da exploração de gado nesse

território exemplar e único no mundo, o Pampa. O homem que se adestrou neste tipo de ofício foi este homem que nós chamamos de gaúcho, que seria o gaúcho real, caracterizado pela estética do Pampa e pelo estereótipo do gaúcho da fronteira. Homem aventureiro, destemido, guerreiro, bruto. Filho do encontro violento entre o europeu e a mulher indígena. (SCHLEE, 2014)⁴.

Estes aspectos nos permitem dizer que essa cultura gaúcha é uma cultura de fronteira, onde elementos como a índole guerreira, o ideal de bravura e a pretensa unicidade cultural do estado a constituem e a fazem reconhecível diante de outras culturas. O Pampa é permeado por essa cultura de fronteira, cultura de entremeio, que se significa em hábitos e costumes comuns. É é nessa paisagem, nesse espaço comum, que o gaúcho se forma.

Um dos principais aspectos que constituem essa cultura de fronteira entre Brasil, Argentina e Uruguai é o modo como seus habitantes desenvolvem cotidianamente uma zona de convivência, permeável. Conforme Oliven (2006), o modelo construído, quando se fala nas “coisas gaúchas”, está baseado em um passado que teria existido na região pastoril da campanha, no sudoeste do Rio Grande do Sul, e na figura real ou idealizada do gaúcho.

Neste espaço cultural que a fronteira se tornou, pela troca contínua, cotidiano, imaginário, línguas, costumes, conflitos, expectativas e vivências acabam se refletindo em linguagens que se entrecruzam no cotidiano das populações que aí vivem (CHIAPPINI; MARTINS; PESAVENTO, 2004). O gaúcho transita pelas fronteiras de outras culturas e delas partilha, constituindo uma fronteira mais social e cultural e menos geopolítica. Essas diferentes fronteiras constituem um universo de sentidos simbólicos, possuindo agentes que são “semelhantes e díspares” ao mesmo tempo (PESAVENTO, 2006). Falar em fronteiras culturais, segundo a autora (2006, p. 11) implica um sentimento de ambivalência, sendo duas realidades presentes em um mesmo espaço, “ser um e ser dois ao mesmo tempo, ser si próprio e ser o outro”.

Este contato, resultado de condições sócio históricas significou na cultura, no comportamento e na língua do homem gaúcho, constituindo, de acordo com Laytano (1981), “a base inicial do tipo étnico da região sul do Brasil”

⁴ Fala do professor Aldyr Garcia Schlee extraída do documentário *A linha imaginária* sobre a fronteira Brasil-Uruguay.

e carregando, dessa forma, representações da história do Rio Grande do Sul, caracterizada a partir de uma fronteira móvel disputada entre lusos e hispanos e da vida diária no Pampa. Nesse meio, a linguagem ganha um papel essencial, uma vez que por meio, sobretudo, de um léxico peculiar é que se constituem particularidades, uma identificação e ressignificação de muitas representações culturais e visões de mundo.

A linguagem gauchesca se insere, emerge e ganha sentido no Pampa, este espaço simbólico onde o gaúcho se constitui no contato com argentinos e uruguaios, nesse constante ir e vir entre os dois lados da faixa fronteira, ou seja, se constitui entre espaços e línguas.

A cultura gauchesca, portanto, se marca pela língua. Diríamos mais, há uma linguagem gauchesca que está expressa na vestimenta, no canto, na dança, nos versos, no modo de falar. Nesta linguagem gauchesca estão presentes traços das heranças culturais ibéricas que se rememoram em expressões da cultura gauchesca.

As relações de contatos se reatualizam na vida de fronteira. A identificação que se manifesta na linguagem gauchesca faz com que fronteiriços se reconheçam no falar misturado, na *mezcla* ou no “entreverado”. Esta língua misturada dos sujeitos fronteiriços é, portanto, uma língua de fronteira.

Para Schlee (2014)⁵, “nós nos vemos nos outros (nosotros). Nós somos os outros, nós somos nós mesmos nos outros. Essa é a maravilha da fronteira, o entrelaçar de culturas”. Por isso, que ao afirmarmos que o português e o espanhol se entrecruzam, compartilham espaços e histórias entrelaçadas, estamos colocando em outra perspectiva a questão das línguas em contato. O contato é constitutivo da linguagem gauchesca. Por meio dele os sujeitos fronteiriços se significam na e pela língua.

A linguagem gauchesca caracteriza-se então, por léxicos e expressões, por exemplo, que significam um universo muito específico. Em um primeiro momento é o universo oriundo do trabalho rústico do campo, migrando, posteriormente, para significar outras realidades. Este movimento de deslocamento, do universo do campo como referência para o modo de falar dos gaúchos sobre qualquer outra realidade. Muitas expressões e palavras são identificadas como comuns àquelas também usadas por fronteiriços do outro lado

⁵ Fala do professor Aldyr Garcia Schlee extraída do documentário “A linha imaginária” sobre a fronteira Brasil-Uruguay.

da fronteira, dos *gauchos* da região do Rio da Prata. Nesse conjunto de línguas, de modos de falar, de variedades, há a presença do espanhol. O espanhol constituiu-se desta maneira como uma grande fonte para a língua de fronteira. A presença do espanhol é recorrente e constitutiva da Língua de Fronteira.

No lado brasileiro da fronteira, o espanhol teve sua presença mais marcante no Rio Grande do Sul, durante o século XIX, provavelmente porque havia nesta época um fluxo comercial mais contínuo entre as populações da fronteira, que era determinado pelo tipo de economia agropecuária, baseada na produção do charque. Também existia uma tendência de valorização do regional e da cultura gauchesca por parte dos intelectuais sul-rio-grandenses, que os fazia incorporar influências castelhanas, de modo especial, na produção literária. No entanto, as influências do espanhol sobre as expressões culturais do Rio Grande do Sul, principalmente na constituição de um linguajar do gaúcho, foi objeto de muito debate por parte da intelectualidade gaúcha, como Guilhermino César, Dante Laytano, Moisés Velhinho, Manoelito de Ornellas, entre outros. (STURZA, 2006a, p. 50).

A entrada do espanhol e sua presença no português falado no lado brasileiro da fronteira não tem uma descrição ampla. Pesquisas com este objetivo poderiam contribuir para um maior conhecimento sobre quais são as recorrências da presença do espanhol e de que modo ele funciona na fala dos fronteiriços. Em exemplos registrados por nós na fronteira *Brasil – Argentina*, muitas formas são adotadas para produzir, por exemplo, efeitos pragmáticos no Português da Fronteira. Seriam expressões presentes nas conversações, tanto para iniciá-las ou mantê-las, tais como:

- a) “Bueno, Como estás?”
- b) “que sei eu”
- c) “tem de enchufar na tomada”
- d) “as crianças chismeam muito”
- e) ”vou baixar na secretaria”

Também pelo exemplo da figura abaixo, exposta enfrente a um restaurante na cidade de Jaguarão fronteira com a cidade de Rio Branco, Uruguai.



Figura 01: placa de um restaurante

Estas expressões mostram diferentes modos do espanhol estar presente no Português da Fronteira. Mas são exemplos isolados, coletados informalmente. A inexistência de um mapeamento linguístico não permite ter uma noção mais precisa da extensão e quantidade de influxos do espanhol no português e em que medida esta relação entre as línguas e/ou sua *mezcla* produz ou é uma língua de contato. Não seria já outra língua?

Línguas em contato: outro olhar

As pesquisas relativas às línguas em contato nas fronteiras do *Brasil-Uruguai* ou Brasil-Argentina enfocam o contato linguístico na perspectiva de sistemas linguísticos em contato. No caso da fronteira *Brasil-Uruguai* esta temática aparece nos trabalhos a respeito da presença do português no norte uruguaio (RONA, 1965). Inicialmente, essas pesquisas identificaram o *Fronterizo* como um dialeto, embora de base portuguesa, é apontado como decorrente da mistura português com espanhol. Em estudos realizados por Elizaincín, Behares

& Barrios (1987) foram identificados dialetos designados pelos pesquisadores como DPUS – *Dialectos Portugueses del Norte del Uruguay*. Estudos mais recentes abandonam a designação de dialeto para chamar esta língua do norte uruguaio de Português do Uruguai – PU (CARVALHO, 2003) sendo então descrito como mais uma variedade da língua portuguesa, fortemente influenciada pelo espanhol.

No entanto, estes DPUs seguem sendo identificados como uma prática linguística resultante do contato do português e espanhol, sendo também designada pelos falantes como *Portunhol*. Ou seja, o *Portunhol* em muitos casos é uma outra maneira de designar o DPU.

Atualmente, na falta de um estudo que defina *Portunhol* e, ao mesmo tempo, faça um mapeamento das suas variedades, pois duas situações tem se apresentado e estão pouco esclarecidas pela comunidade acadêmica: se DPU ou PU são equivalentes ao que os fronteiriços, no caso da fronteira do Brasil com Uruguai, designam como *Portunhol*; e se *Portunhol* é uma outra língua resultante do contato linguístico entre Português e Espanhol (STURZA, 2004).

Há trabalhos acadêmicos que atribuem à designação *Portunhol* para o processo de interlíngua de um aprendiz de português ou espanhol em situação formal; em outros casos, *Portunhol* é designação da mistura dessas línguas usada para a comunicação imediata, em qualquer situação informal, seja ela na fronteira ou em qualquer lugar, inclusive como recurso estético em textos literários como os de Fabián Severo e Douglas Diegues (MOTA, 2014).

De um modo geral, as pesquisas realizadas sobre as línguas em contato limitam sua análise à materialidade linguística, ou seja, aos aspectos gramaticais do contato, dando ênfase à questão dos empréstimos e interferências. Nos estudos linguísticos, o tema das línguas em contato é abordado pela sociolinguística, relacionado às situações de plurilinguismo.

De acordo com APPEL e MUYSKEN (1996, p.14)

“Todos los temas básicos del estudio sociolingüístico en las llamadas comunidades monolingües reaparecen ampliados en el estudio del contacto de lenguas: la alternancia de estilo, el cambio lingüístico, la elección y el repertorio lingüístico, las actitudes y quizás la variación. Tanto las tendencias propias

de nuestra percepción cultural y propias de la lingüística han apoyado el estudio de las lenguas en contacto desde diferentes perspectivas.”

A partir desse enfoque, no intuito de colocar o tema das línguas em contato em de outra perspectiva teórica, trazemos à discussão o sujeito fronteiriço como um sujeito falante que, ao praticar uma *mezcla* de línguas, designada por alguns de *Portunhol*, se mostra e se significa no mundo, neste mundo da fronteira através do uso de uma língua própria, marcada linguisticamente por receber influxos do português e do espanhol.

Devemos ressaltar que o *Portunhol* são vários. É a *mezcla* não apenas como resultado de um contato intenso e contínuo do português com o espanhol, mas uma língua de fronteira. Língua essa escolhida pelos falantes para dizer sobre quem são no mundo; língua que os identifica como sujeitos de um lugar muito particular. Como língua de contato, o *Portunhol* é a língua dos fronteiriços, não tem gramática estável. No entanto, é fluído e usado como língua de comunicação imediata e, especialmente, tomando-se uma perspectiva enunciativa, uma escolha política do falante que busca produzir efeitos de sentido, considera sua relação com o interlocutor, seja ele um falante de espanhol, um falante de português ou um falante de *Portunhol*//língua de fronteira.

Desde 2014, pesquisadores, historiadores, antropólogos, ativistas culturais uruguaios, com participação de brasileiros, organizaram um movimento cultural e vem discutindo a patrimonialização do *Portunhol*. Essa língua da fronteira como um patrimônio cultural imaterial. Tal discussão iniciada por representantes uruguaios foi paulatinamente incluindo brasileiros. A ideia inicial era *Portunhol* como patrimônio cultural urguaião. No entanto, a abrangência do debate passou a considerar o *Portunhol* como patrimônio da fronteira, talvez binacional.

Esta possibilidade de elevar uma língua de contato como o *Portunhol* em patrimônio cultural coloca no centro do debate a relação do contato cultural com o contato linguístico, logo uma língua de contato deixando de ser um mero contato entre sistemas linguísticos ou de ecossistemas, por exemplo, na abordagem da ecologia das línguas (COUTO, 2009). Colocando a língua simbolicamente significada na particularidade desta fronteira.

Considerações finais

A língua de fronteira, sendo ela designada de *Portunhol* ou não, é antes de tudo considerá-la uma língua que tem sentido para os sujeitos inscritos numa comunidade na qual estar entre uma língua e outra é constitutivo da sua relação identitária. O Pampa é um espaço de cultura transfronteiriça, a língua que se fala aí é um traço a mais para se significar no mundo. Do local para o global, pois desta fronteira como lugar periférico, a cultura e a língua nas suas especificidades, tornam a fronteira um novo centro de referência cultural.

Referências

APPEL, René; MUYSKEN, Pieter. *Bilinguismo y Lenguas en Contacto*. Barcelona: Ariel Linguística, 1996. p. 14.

BRASIL, Luiz Antonio de Assis. O nosso pampa, tão comum e vários. In: MARTINS, Maria Helena (Org.). *Fronteiras Culturais – Brasil – Uruguai – Argentina*. São Paulo: Ateliê, 2002.

CARVALHO, Ana Maria. Rumo a uma definição do português uruguaio. *Revista Internacional de Linguística Iberoamericana*. RILI, v. 1 nº 2, 2003. p. 125-149.

CHIAPPINI. Ligia; MARTINS. Maria Helena.; PESAVENTO. Sandra J. Fronteiras da Paz. In: CHIAPPINI. Ligia; MARTINS. Maria Helena.; PESAVENTO. Sandra J. (Orgs.). *Pampa e cultura: de Fierro a Netto*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

COUTO, Hildo Honório do. *Ecologia do Contato de línguas*. São Paulo: Ed. Contexto, 2009.

STURZA, Eliana Rosa. In: *Letras e Instrumentos Linguísticos*, nº. 18, jul./dez. 2006. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas: Pontes Editores, 2006. p.101-121.

_____. *Revista Internacional de Linguística Iberoamericana*, RILI, v. 2, nº 3, 2004. p. 151-160.

_____. Tese de Doutorado (Doutorado em Letras). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2006a. p. 50.

- ELIZAINCÍN, Adolfo; BEHARES, Luis; BARRIOS, Graciela. *Nos falemo Brasileiro. Dialectos Portugueses en el Uruguay*, Montevideo: Amesur, 1987.
- GARCIA, Fernando Cacciatore de. *Fronteira iluminada: história do povoamento, conquista e limites do Rio Grande do Sul a partir do Tratado de Tordesilhas (1420-1920)*. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 15.
- LAYTANO, Dante de. *O linguajar do gaúcho brasileiro*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brides, 1981.
- MACIEL, Maria Eunice de Souza. Apontamentos sobre a figura do gaúcho brasileiro. In: BERND, Z. *Olhares cruzados*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000. p. 76 -95.
- MOTA, Sara Santos. *O Portunhol e Sua Re-Territorialização na/pela Escrit(Ur) a Literária: Os Sentidos de um Gesto Político*. Tese doutorado, PPGLETRAS/UFMS, 2014.
- OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação*. 2ª. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- PESAVENTO, S. J. *Fronteiras culturais em um mundo planetário - paradoxos da(s) identidade(s) sul-latino-americana(s)*. Revista del CELSA. nº. 8 Centro de Estudios Latinoamericanos. Universidade de Varsóvia. v. 8, 2006. p. 9-19.
- LEENHARDT, Jacques. Fronteiras, fronteiras culturais e globalização. In: MARTINS, Maria Helena (Org.). *Fronteiras Culturais – Brasil – Uruguai – Argentina*. São Paulo: Ateliê, 2002. p. 30.
- RAMIL, Vítor. *A Estética do Frio*. Conferência de genebra. Pelotas – RS. Sa-tolep Livros, 2004. p.14-15.
- RONA, José Pedro. *El Dialecto “Fronterizo” del Norte del Uruguay*. Montevideo: Adolfo Linardi Librería, 1965.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. 4ª ed. Porto Alegre – RS: Martins Livreiro editor, 2002. p. 112.
- TRINDADE, Adelma; BEHARES, Luis; FONSECA, Mariane. *Educação e Linguagem em área de Fronteira Brasil- Uruguai*. Santa Maria: Palotti, 1995.

A FRONTIER AND LANGUAGES CONTACT: A PERSPECTIVE APPROACH

ABSTRACT

This article aims to propose an approach on languages in contact. To display this perspective we consider addressing the issue of linguistic contact not as a result of an external effect of the languages of the speakers, but that speaking subjects are exposed to the languages and, at the border, also the use to mark a border identity. In this sense, they also make a political choice.

KEYWORDS: border; languages in contact; border languages.

Recebido em: 31/05/2016

Aprovado em: 20/10/2016